

Violência Política
Ameaça a
Democracia

Gaudêncio Torquato (*)

A polarização extrema se transformou em campo fértil para a violência política

O assassinato do influenciador norte-americano Charlie Kirk em 10 de setembro passado, atingido por um tiro enquanto discursava em uma universidade de Utah, gerou repercussão mundial imediata e bastante dividida: seguidores inflamaram sua imagem de mártir e aproveitaram para atacar a esquerda; simpatizantes desta apontaram o discurso radical de Kirk como combustível para o próprio ataque; e mediando a guerra de narrativas, surgiram apelos por moderação. Fundador da organização Turning Point USA, Kirk era alinhado ao presidente Donald Trump e um dos mais influentes jovens conservadores dos Estados Unidos.

O país assiste ao crescimento da violência praticada por extremistas. Três meses antes, a presidente da Câmara de Representantes de Minnesota, a democrata Melissa Hortman, foi assassinada dentro de casa, junto de seu marido, e o senador democrata estadual John Hoffman foi ferido a tiros em atentado parecido. O próprio Trump foi alvejado por um tiro que lhe acertou a orelha durante comício da campanha de 2024. E, em janeiro de 2021, convocou partidários para ato político em Washington, que culminou na invasão do Capitólio, onde se pretendia evitar a ratificação da vitória de Joe Biden; a violência deixou mortos e feridos. No ano seguinte, a então presidente da Câmara, a democrata Nancy Pelosi, teve sua casa invadida. Ela não se encontrava no local e seu marido acabou agredido violentamente.

Esses casos demonstram que a polarização extrema se transformou em campo fértil para a violência política, fenômeno que desconhece fronteiras nacionais e ideológicas. Em 2019, o prefeito de Kassel (Alemanha), Walter Lübcke, foi assassinado por um militante neonazista, após defender a política de acolhimento de refugiados. Em 2022, também na Alemanha, um candidato sofreu tentativa de assassinato durante comício. Na França, em 2017, o então candidato Emmanuel Macron foi alvo de uma tentativa frustrada de atentado. Em 2023, o prefeito de Saint-Brevin-les-Pins renunciou após sua casa ser incendiada por opositores de um centro de acolhimento a migrantes.

A violência política deixou de ser exceção para tornar-se risco estrutural, mesmo em democracias maduras. O discurso racional perdeu espaço para a retórica inflamável. Se no passado a praça pública era o palco central da disputa, hoje o embate migrou para o território digital, onde redes sociais e aplicativos de mensagens converteram-se em arenas de linchamento simbólico. A lógica das redes — que premia o engajamento pelo choque e pela fúria — favorece a propagação de boatos, insultos e incitações, e resulta nos atos de violência física.

O Brasil não escapa a essa chaga. A violência e atentados marcam o ciclo da ditadura militar (1964-1985), com assassinatos, tortura, desaparecimentos forçados e execuções de opositores cometidos pelo regime. A Lei da Anistia de 1979 perdoou crimes tanto de agentes do Estado quanto de grupos armados de esquerda, gerando controvérsia por não permitir a punição de militares

por casos graves como tortura e homicídio. Antes e durante esse período, o país viveu experiências traumáticas, como o atentado da Rua Tonelero em 1954, no Rio de Janeiro, que visava o jornalista Carlos Lacerda, opositor do então presidente Getúlio Vargas; e o atentado do Aeroporto dos Guararapes (1966), quando uma bomba matou o almirante Nelson Fernandes e o jornalista Edson Regis. (Eu estava lá, como repórter da Folha de São Paulo).

Os casos remontam ao início de sua história republicana, mas a natureza dos crimes políticos contemporâneos mudou, passando da repressão violenta de opositores a crimes de corrupção e abuso de poder na democracia, ao lado da persistência da violência política, especialmente em anos eleitorais. Um estudo realizado pela Unirio em 2024 registrou 76 mortos e 525 casos de ameaças e agressões recentes, com destaque para o atentado contra Jair Bolsonaro (2018), então candidato à Presidência, alvo de uma facada durante evento de campanha. Ele próprio viria, depois, ser acusado de liderar a tentativa de um golpe contra o Estado Democrático de Direito entre dezembro de 2024 e 8 de janeiro de 2025, crime pelo qual foi condenado à prisão pelo STF, por 27 anos e três meses. A violência recente leva o país para o terreno de polarização radical, com pressão e contração de simpatizantes do bolsonarismo e de grupos de esquerda e, certamente, o tema balizará o pleito de 2026.

Outro fato preocupante é o avanço de facções criminosas sobre as instituições públicas, especialmente em nível municipal, que tem sido apontado como um dos traços distintivos dos crimes políticos contemporâneos no Brasil. O espaço de debate cede lugar ao ringue. Prefeitos de cidades pequenas, vereadores de oposição e candidatos de diferentes partidos tornam-se alvos de pistolagem, perseguição e ataques virtuais. Em períodos eleitorais, multiplicam-se relatos de intimidações, destruição de material de campanha e agressões motivadas por preferências partidárias.

Essa violência transborda para a vida real; o eleitor sente-se autorizado a agredir o vizinho por sua opção partidária, o militante liberado para agredir fisicamente quem defende ideias contrárias, enquanto o político vê sua integridade ameaçada por hordas estimuladas por influenciadores irresponsáveis.

A democracia brasileira enfrenta um teste decisivo. Se aceitarmos a naturalização da violência política, corremos o risco de abrir caminho para regimes autoritários que se apresentam como "salvadores da ordem", à base da repressão. A lição da história é clara: a violência política nunca fortaleceu a democracia; pelo contrário, sempre a corroeu.

A democracia se sustenta no conflito, mas um conflito mediado pela razão, pelo direito e pelo respeito. Quando o debate se transforma em guerra, todos perdem. Quando a política é violenta, a sociedade se torna refém do medo e de mais violência. O Brasil precisa, mais do que nunca, reafirmar sua vocação democrática: resolver divergências pelo voto, não pelo ódio.

(*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político

Inteligência artificial é uma bolha?

A Bolha da Internet foi um período de euforia e especulação financeira que ocorreu no final da década de 1990.

Vivaldo José Breternitz (*)

Tudo começou com o rápido avanço da internet e a crença de que qualquer empresa com um modelo de negócio online se tornaria extremamente valiosa. Isso gerou um enorme volume de investimentos e uma onda de otimismo que levou os preços das ações de empresas de tecnologia a níveis irreais.

A bolha estourou em março de 2000. O principal índice da Nasdaq, bolsa de valores americana focada em empresas de tecnologia, atingiu seu pico e em seguida desabou - houve uma queda rápida e violenta do preços das ações das empresas da área; milhares de empresas faliram da noite para o dia e bilhões de dólares nelas investidos simplesmente viraram pó.

Alguns dizem que vivemos hoje uma situação semelhante com relação à inteligência artificial (IA), que seria uma bolha; mas nem todos concordam com essa afirmação, que tem sido amplamente debatida.

Os que acreditam que a IA vive uma bolha tem como principais argumentos o fato de muitas empresas do ramo, especialmente startups, têm recebido investimentos massivos, alcançando valuações bilionárias mesmo sem um modelo de negócio claramente lucrativo. O valor atribuído a essas companhias parece estar ligado mais ao potencial futuro do que ao desempenho financeiro atual.

Além disso, afirmam que embora a IA venha sendo amplamente adotada e a demanda por serviços e infraestrutura de computação de alto desempenho seja gigantesca, nem todas as empresas do setor conseguem transformar essa popularidade em lucro. A maioria delas ainda opera com prejuízo, dependendo de rodadas contínuas de investimento para se manter.



AICANVA

Também se preocupam com o fato de que parte do entusiasmo e do investimento se concentra em poucas empresas líderes, como a Nvidia, que domina o mercado de hardware para IA, e a Microsoft e o Google, que investem pesado em modelos de linguagem. A performance dessas empresas pode não refletir a saúde geral do setor, mas sim a hype concentrada em alguns poucos atores.

Por outro lado, muitos argumentam que o atual cenário da IA é fundamentalmente diferente das bolhas anteriores e que o crescimento é impulsionado por inovação genuína e de alto impacto, diferentemente do que ocorreu à época da Bolha da Internet, quando muitas empresas traziam pouca ou nenhuma inovação real.

Segundo estes, a IA generativa e outras tecnologias de aprendizado de máquina já demonstraram sua capacidade de criar valor real e transformar indústrias inteiras, como a produção de conteúdo, o desenvolvimento de software e a pesquisa científica.

Também afirmam que o ecossistema de capital de risco e os investidores institucio-

nais estão mais maduros do que nos anos 2000. Eles se concentram em investir em empresas que demonstrem um potencial real de crescimento de longo prazo e um modelo de negócios sustentável, o que pode reduzir o risco de uma queda abrupta e generalizada.

Concluindo, pode-se afirmar que, embora o entusiasmo em torno da IA possa, em alguns casos, levar a avaliações superestimadas, é mais provável que o setor esteja passando por uma fase de crescimento acelerado e não necessariamente por uma bolha prestes a estourar. O valor da IA é inegável, e a tecnologia já está incorporada em produtos e serviços que usamos diariamente.

A questão central não é se a IA é ou não uma bolha, mas sim qual parte do setor é sustentável e qual é sustentada apenas pela hype - o tempo dirá quanto do atual otimismo é justificado e de que tamanho será um possível ajuste do mercado.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjntz@gmail.com.

A IA nunca vai conseguir substituir a "destreza humana", diz especialista

Vivian Ritter, referência nacional em neurociência, comportamento e desempenho, explica como a inteligência emocional é essencial, mesmo com a IA ao alcance dos dedos.

Brasil, setembro de 2025 - Em um mundo cada vez mais pautado pela tecnologia, a Inteligência Artificial (IA) tem se mostrado uma aliada poderosa no dia a dia profissional. Seja para preparar uma apresentação, organizar ideias ou até mesmo simular diálogos de trabalho, ela abre caminhos de eficiência e apoio. Mas, quando chega a hora de uma conversa cara a cara, especialmente as difíceis, nenhuma ferramenta tecnológica substitui a destreza humana.

Quem chama atenção para esse ponto é a especialista em Neurociência, Comportamento e Desempenho, Vivian Ritter. Segundo ela, a tecnologia pode até ajudar na preparação, mas é na mesa de reunião, frente a frente com o interlocutor, que entram em cena habilidades

indispensáveis, como escuta ativa, clareza de argumentação, inteligência emocional e domínio de técnicas de comunicação.

"Por mais que tenhamos inúmeros recursos tecnológicos, na hora do encontro real não temos como pedir socorro a um aplicativo. É preciso saber administrar nossos argumentos, regular nossas emoções e escolher estratégias que façam da conversa um espaço positivo para todos os envolvidos", explica. A especialista complementa destacando que a preparação para conversas difíceis exige um equilíbrio entre autocontrole, empatia e clareza. "Técnicas como escuta reflexiva (ouvir de fato o outro, validar sentimentos e fazer perguntas abertas) são decisivas para reduzir tensões e ampliar a compreensão mútua", destaca.

Vivian reforça ainda que a IA pode ser uma grande parceira para ensaiar situações delicadas, antecipando cenários e ajudando na escolha das melhores palavras. No entanto, ela

alerta que "a inteligência artificial apoia, mas não conduz. A destreza humana é que define o rumo e o resultado de qualquer diálogo". "No ambiente corporativo, essa capacidade se torna um diferencial competitivo. Profissionais que dominam a arte da comunicação conseguem não apenas resolver conflitos, mas também construir confiança, engajar equipes e fortalecer relacionamentos, algo que tecnologia alguma pode replicar integralmente", ressalta Vivian.

Para a especialista, a mensagem é clara: "preparar-se para diálogos complexos é investir em si mesmo. A comunicação é o ponto essencial das relações humanas. Liderança, gestão e até a vida pessoal só acontecem por meio dela e, muitas vezes, sem nenhum dispositivo eletrônico disponível para consultas durante a conversa. É justamente essa habilidade que sustenta os melhores resultados, tanto no ambiente corporativo quanto no pessoal", finaliza.

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Com 1.000 PcD formados, SoulCode fortalece inclusão no mercado de tecnologia

@ Em janeiro de 2024, o eSocial registrava 545.940 pessoas com deficiência formalmente empregadas no Brasil, sendo 93% em grandes empresas. Mas a realidade segue desigual — na faixa dos 30 a 49 anos, apenas metade estavam ocupadas, contra 80% das pessoas sem deficiência. Além disso, a renda média desse grupo ainda é 31,2% menor do que as demais. É diante desse cenário que a SoulCode, edtech brasileira que tem como propósito democratizar a educação digital, já formou mais de 1.000 pessoas com deficiência e tem se tornado uma ponte de transformação. A edtech oferece programas gratuitos de qualificação em tecnologia, conectando pessoas com deficiência a uma área de alto crescimento, abrindo caminhos antes inimagináveis (<https://soulcode.com/>).

IA especializada na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho

@ A Egalite anuncia o Romeu, agente virtual especializado na inclusão de PcDs no ambiente corporativo. A inteligência artificial generativa foi desenvolvida para apoiar profissionais de recursos humanos e gestores com esclarecimentos sobre temas relacionados a esse grupo e incluem legislação (Lei de Cotas e Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), acessibilidade, cultura inclusiva e adaptações necessárias para cada tipo de deficiência. "A tecnologia é um canal de suporte contínuo para lideranças e recrutadores, contribuindo na prevenção de erros de abordagem e numa melhor comunicação com candidatos e colaboradores com deficiência. O agente consulta a base de dados da Egalite, que tem mais de 15 anos de experiência no mercado", afirma Guilherme Braga, CEO da startup (<https://www.egalite.com.br/>).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.